

ESTRATÉGIAS DE LINEARIZAÇÃO TÓPICA EM DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS

TOPIC SEQUENCING STRATEGIES IN DIFFERENT TEXTUAL GENRES

Aline Gomes Garcia
UNESP/IBILCE

Resumo: Este trabalho insere-se no quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-Interativa e estuda o processo de Organização Tópica em dois gêneros textuais diferentes, narrativa de experiência e descrição. Especificamente, este trabalho focaliza uma parte desse processo, a linearização tópica, e procura discutir como esse sequenciamento ocorre nos dois gêneros textuais ora estudados. Os dados discutidos mostram que ambos os gêneros se caracterizam por apresentarem a continuidade como estratégia predominante de linearização tópica. Além disso, os dois gêneros apresentam diferenças entre si quanto ao uso de estratégias de sequenciamento tópico na medida em que as descrições manifestam uma incidência maior de estratégias de descontinuidade tópica do que as narrativas de experiência. O trabalho discute que essa diferença parece estar vinculada a aspectos da finalidade sociocomunicativa desses gêneros, buscando mostrar que particularidades dos processos de construção textual podem caracterizar os diferentes gêneros textuais.

Palavras-chave: Gramática Textual-Interativa. Organização Tópica. Sequenciamento tópico.

Abstract: This paper is developed within the theoretical framework of Textual-Interactive Grammar and it analyzes the process of Topic Organization in two different textual genres, narrative of experience and description. Particularly, this work focuses on a part of this process, the topic sequencing, and seeks to discuss how this sequencing occurs in the two textual genres studied here. The discussed results show that both genres are characterized by continuity as a predominant strategy of topic linearization. Furthermore, the two genres differ in their use of topic sequencing strategies once descriptions manifest greater incidence of topic discontinuity strategies than experience narratives. The article argues that this difference seems to be related to aspects of the sociocommunicative purpose of these genres, and it tries to show that particularities of textual construction process can characterize the different textual genres.

Keywords: Textual-Interactive Grammar. Topic Organization. Topic sequencing.

INTRODUÇÃO

A Gramática Textual-Interativa (GTI; JUBRAN, 2007), vertente que se alinha especialmente à fase pragmática da Linguística Textual, encara o texto como uma unidade sociocomunicativa verbalmente realizada, um processo dinâmico, portador de regularidades próprias de organização e sujeito a pressões de natureza sociointeracional. Essa concepção de

texto permite admitir que as características das estruturas textuais estão fortemente vinculadas à dinâmica dos processos formulativo-interacionais envolvidos na sua produção. Dessa forma, a organização das estruturas textuais está altamente atrelada ao seu contexto de processamento, o que possibilita reconhecer que a construção do texto, assim como a atividade discursiva, é norteada por regras gerais de organização, a exemplo das regras que caracterizam cada um dos gêneros textuais. Este trabalho insere-se neste contexto, buscando observar as regularidades da organização textual a partir do estudo do processo central de construção do texto reconhecido pela GTI, a saber, o processo de Organização Tópica.

Com base em um dos princípios da GTI, o de que “os fatos nela considerados têm as suas propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas” (JUBRAN, 2007, p. 315), admite-se que os processos de construção textual são determinados, em grande medida, pelos gêneros textuais em que ocorrem. Dessa forma, as regularidades textuais identificadas no processo de Organização Tópica podem estar entre os fatores que permitem particularizar os gêneros textuais e os diferenciar entre si. O presente trabalho insere-se nesse âmbito de caracterização e distinção dos gêneros entre si por meio do estudo do processo de Organização Tópica.

Neste artigo, investigamos dois gêneros textuais, narrativa de experiência e descrição¹, extraídos do Banco de Dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007), a fim de observar as estratégias de linearização tópica² predominantes em cada um dos gêneros em pauta e apontar em que medida o processo de Organização Tópica permite caracterizar cada um desses gêneros e diferenciá-los entre si.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na próxima seção, faremos um esboço do quadro teórico-metodológico que embasa este trabalho, abordando os pressupostos teóricos da GTI e sintetizando a Organização Tópica e a tipologia de formas de sequenciamento tópico reconhecida por Jubran (2015); na sequência, desenvolvemos uma discussão de dados para caracterizar e diferenciar entre si os dois gêneros ora analisados no que diz respeito às estratégias de sequenciamento tópico; por fim, apresentamos as considerações finais.

¹ Chamamos a narrativa de experiência e a descrição de gêneros textuais porque esses são os nomes dos gêneros utilizados no Banco de Dados do qual extraímos nossos dados. De qualquer forma, não estamos confundindo “gênero textual” com “sequência textual”, de modo que reconhecemos as sequências (narrativa, argumentativa, descritiva, explicativa e dialogal) concebidas por Adam (2008).

² Com base em Jubran (2015), as estratégias de linearização tópica podem ser compreendidas como as estratégias utilizadas pelos falantes no encadeamento de unidades textuais chamadas de Segmentos Tópicos mínimos.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Gramática Textual-Interativa, proposta teórico-metodológica para o estudo do texto surgida a partir Projeto de Gramática do Português Falado (CASTILHO, 1990), constitui-se como uma abordagem gramatical para o estudo do texto e pauta-se na concepção de linguagem como uma forma de interação social que deve ser estudada dentro do seu contexto de uso, levando em conta as circunstâncias de enunciação (JUBRAN, 2007). A GTI assume também que os fatores de natureza interacional são inerentes à produção linguística, de modo que os dados pragmático-interacionais não se constituem como uma moldura dentro da qual se processa o intercâmbio linguístico, mas fazem parte da constituição textual. Com base principalmente nesses pressupostos, a GTI toma o texto como objeto de estudo, assumindo que as condições que sustentam a ação verbal se inscrevem na superfície textual, de forma que é na materialidade linguística do texto que se manifestam as marcas do processamento formulativo-interacional.

Conforme destacamos, a GTI considera o processo de Organização Tópica como o processo central de construção textual, reconhecendo ainda que outros processos – referência, parafraseamento, repetição, correção, parentetização e tematização-rematização – atuam de forma concomitante à Organização Tópica, sendo também considerados como processos de construção textual. Assim, o programa de pesquisa da GTI compreende o estudo desses processos de construção textual, assim como o estudo de um conjunto de expressões linguísticas que atuam no gerenciamento textual-interativo desses processos, os chamados Marcadores Discursivos.

A Organização Tópica pode ser compreendida como a organização hierárquica e linear do texto mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância em determinado ponto da mensagem (JUBRAN, 2015). A partir dessa definição, nota-se que a Organização Tópica é regida por dois processos particularizadores: (i) centração, que diz respeito à construção e articulação de grupos de enunciados tematicamente concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto; (ii) organicidade, que se associa às relações de interdependência tópica, o que inclui as relações hierárquicas na articulação tópica (o estabelecimento de relações de superordenação e subordenação entre tópicos segundo o grau de abrangência dos assuntos abordados no texto) e as relações lineares (que dizem respeito ao sequenciamento, na linearidade discursiva, de tópicos discursivos). Cada grupo de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de determinado conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância em determinado ponto

do texto constitui-se como um Segmento Tópico (SegT) e os grupos de enunciados mais particularizadores formam os chamados Segmentos Tópicos mínimos (SegTs mínimos).

Jubran (2015) propõe uma tipologia de formas de linearização tópica entre SegTs mínimos. Para a autora, existem dois processos básicos que possibilitam as relações entre os tópicos – a continuidade e a descontinuidade. A continuidade decorre de uma sequencialidade de SegTs mínimos, de forma que a abertura de um novo SegT mínimo se dá apenas após o esgotamento do SegT mínimo que o precede. Dessa forma, na ocasião de introdução de um novo SegT mínimo na linearidade textual, os interlocutores encerram por completo o SegT mínimo em curso para, então, iniciarem um novo SegT mínimo. A descontinuidade, por sua vez, decorre de uma perturbação na sequencialidade linear e pode manifestar-se em três situações diferentes: (i) ruptura tópica; (ii) cisão de tópico; (iii) expansão tópica.

A ruptura tópica está associada à introdução, na linearidade discursiva, de um SegT que não chega propriamente a se desenvolver, porque os interlocutores mudam logo a centração, provocando o início de um novo tópico que interrompe o seu precedente. Nesse caso, o tópico interrompido não volta a aparecer no texto.

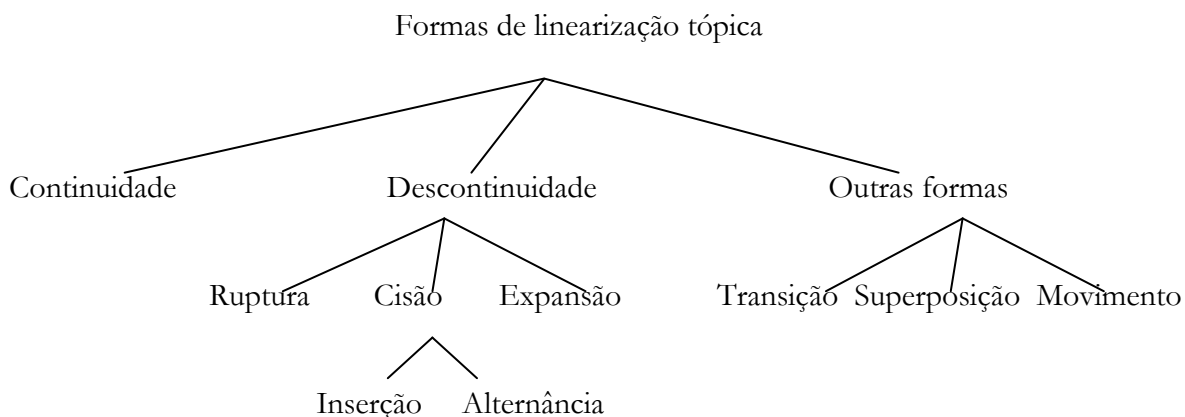
A cisão de tópico ocorre na ocasião de divisão de um tópico em segmentos descontínuos. Dois fenômenos distintos caracterizam a cisão: inserção e alternância. O primeiro caracteriza-se segundo o esquema $A B A$, em que o SegT mínimo A é interrompido pelo tópico B e, após o desenvolvimento de B , A volta a aparecer na linearidade discursiva. Nesse caso, B ganha estatuto tópico porque instaura outra centração dentro de um tópico que estava em curso, o tópico A , provocando a divisão de A em partes não contíguas na linearidade do texto. Já o segundo, o fenômeno da alternância tópica, ocorre segundo o esquema $A B A B$, em que o SegT mínimo B interrompe o SegT mínimo A , este, por sua vez, interrompe o B , voltando a aparecer no texto. Após o desenvolvimento e a conclusão do A , B volta a ganhar centração e é, então, finalizado. Dessa forma, acontece uma espécie de revezamento entre tópicos, de modo que tanto A quanto B se tornam descontínuos.

A expansão tópica realiza-se com o desenvolvimento pleno de dados colocados de passagem anteriormente no texto, sem que, em momento anterior, esses dados tenham constituído um SegT específico. Ou seja, neste caso, há descontinuidade entre a menção dos dados, em um SegT anterior, e o posterior desenvolvimento desses dados como um SegT mínimo, provocando descontinuidade entre o SegT no qual esses dados foram colocados de passagem e o SegT em que esses dados adquiriram centração e conquistaram estatuto tópico.

Além desses dois processos básicos que caracterizam a distribuição linear dos tópicos, Jubran (2015) distingue outros três processos – (i) transição de tópicos; (ii) superposição de

tópicos; (iii) movimento de tópico. A transição tópica ocorre quando os interlocutores constroem um tópico dedicado à passagem de um SegT a outro. Nesse caso, esse tópico não se integra a nenhum dos seus circunvizinhos, pois apenas estabelece a transição do seu SegT anterior ao seu posterior. A superposição de tópicos ocorre quando um dos interlocutores está desenvolvendo determinado tópico e outro interlocutor faz uma tentativa de introdução de um novo tópico, fazendo com que dois tópicos convivam temporariamente em determinado ponto no texto. Por sua vez, o movimento de tópico dá-se quando acontece uma espécie de “deslizamento” de um para outro aspecto do mesmo tópico, provocando um conjunto diferente de mencionáveis mais específicas a respeito de um tópico mais abrangente.

A tipologia de formas de linearização tópica proposta Jubran (2015) pode ser sintetizada no seguinte esquema:



Fonte: PENHAVEL; GARCIA (2017, p. 1795)

Como já destacado, este artigo discute as formas de linearização tópica em narrativas de experiência e descrição e busca refletir como as particularidades do processo de Organização Tópica de cada um desses gêneros podem contribuir para caracterizar ambos os gêneros e diferenciá-los entre si. Desse modo, na seção seguinte do artigo, procuramos traçar essa discussão.

ESTRATÉGIAS DE LINEARIZAÇÃO EM NARRATIVAS E DESCRIÇÕES E COMPARAÇÃO ENTRE OS GÊNEROS

Na presente seção, discutimos dados extraídos de narrativas de experiência e descrições a fim de descrever qual a estratégia de linearização tópica predominante em cada um dos gêneros

ora investigados e comparar os dois gêneros entre si. Esses dois gêneros foram selecionados porque o presente trabalho está inserido em projeto de pesquisa maior (PENHAVEL, 2013) que tem como objetivo estudar o processo de Organização Tópica em gêneros textuais diferentes. Essa pesquisa mais ampla selecionou o Banco de Dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007) por considerar que ele oferece uma variedade satisfatória de gêneros textuais, incluindo, além de narrativas de experiência e descrições, os gêneros relato de opinião, narrativa recontada, relato de procedimento, e conversação espontânea. O Banco contém amostras de fala de parte da região noroeste do estado de São Paulo, recolhidas de informantes selecionados com base em critérios sociolinguísticos, como faixa etária, sexo e grau de escolaridade. Para o presente trabalho, foram selecionadas doze narrativas de experiência e doze descrições, escolhidas de modo a recobrir a diversidade de tipos de informantes constituintes do Banco de Dados. Além dessas razões, a seleção de narrativas de experiência e descrições é condizente com os objetivos deste artigo na medida em que permite mostrar que os processos de construção textual, a exemplo da Organização Tópica, podem particularizar e diferenciar os gêneros entre si.

O método de análise utilizado foi o de *análise tópica* (JUBRAN, 2015), que consiste na realização da análise textual, isto é, da divisão do texto em partes e subpartes constituintes, com base nas propriedades de centração e organicidade, caracterizadoras do processo de Organização Tópica. Esse método permite, então, a identificação, em um texto, de seus SegTs mínimos (dentre outros tipos de análise).

Conforme destacado, o objetivo deste trabalho é apontar as estratégias de linearização tópica predominantes em cada um dos gêneros aqui investigados e indicar em que medida o processo de Organização Tópica permite caracterizar esses dois gêneros e os distinguir entre si. A esse respeito, nossos dados sinalizam que, em ambos os gêneros, há ampla predominância de continuidade tópica. Além disso, os dados analisados também apontam que as descrições apresentam uma tendência um pouco maior para estratégias de descontinuidade tópica. O objetivo desta seção é, então, discutir esse resultado.

A Tabela 1, a seguir, indica os tipos de estratégias de linearização tópica predominantes em cada um dos gêneros, bem como a presença maior de estratégias de descontinuidade em descrições:

Tabela 1: Tipos e quantitativos de estratégias de linearização tópica em narrativas e descrições

Tipos de estratégias de linearização tópica distinguidos por Jubran (2015)	Ocorrências em narrativas de experiência	Ocorrências em descrições
Continuidade tópica	93,44% (57 casos)	79,50% (62 casos)
Descontinuidade por ruptura tópica	1,64% (1 caso)	7,69% (6 casos)
Descontinuidade por inserção tópica	3,28% (2 casos)	8,97% (7 casos)
Descontinuidade por alternância tópica	0 % (0 casos)	1,28% (1 caso)
Descontinuidade por expansão tópica	1,64% (1 caso)	2,56 % (2 casos)
Transição tópica	0 % (0 casos)	0 % (0 casos)
Sobreposição tópica	0 % (0 casos)	0 % (0 casos)
Movimento tópico	0 % (0 casos)	0 % (0 casos)
Total	100% (61 casos)	100% (78 casos)

Antes de iniciar propriamente a discussão dos dados apresentados na tabela, apresentamos exemplos que ilustram cada um dos casos de sequenciamento tópico encontrados em nosso *corpus*. O exemplo em (1), extraído de uma narrativa de experiência, ilustra um caso de continuidade tópica:

- (1) [SegT mínimo A]
a::í... foi passan(d)o o tem::po não... aí ele me ligava e a gente ficô(u) num bom tempo ficô(u) conversan(d)o por telefone... mas nós vimos que num... num ia dá(r) certo [...] até que um dia eu parei e falei – “eu tenho que largá(r) porque num adianta eu ficá(r) aqui e ele ficá(r) lá... eu num sei o que ele tá fazen(d)o... e ele num sabe o que eu faço” –... então foi o dia que eu liguei/ [...] aí terminamo(s) aí ele daquele mesmo jeito orgulho::so dele num falava na::da né?... aí terminamo(s) nunca mais conversamo(s)... nunca mais conversamo(s)... [...]

[SegT mínimo B]³
aí de repente eu comecei a lê(r) la uns e-mails... de ofensas de::le... e eu recebia esses e-mails e retruca::va e ficava aquele negócio chato sabe?... eu mandan(d)o e-mail ele mandan(d)o e-mail... [...] e ofensas e ofensas e ofensas... aí tudo bem eu... larguei mão parei de mandá(r) e parei... sabe? não abri mais meus e-mails e parei com tudo... e estava c’uma pessoa...⁴ (Banco de Dados IBORUNA: AC-022; NE: L: 103-127).⁵

³ As porções textuais correspondentes a cada um dos SegT’s mínimos são assinaladas com letras maiúsculas (“SegT mínimo A”, por exemplo), em ordem alfabética, conforme a sequência que cada SegT mínimo aparece no texto do qual foram extraídos os exemplos.

⁴ Nos exemplos ilustrados, o uso de reticências dentro do sinal de colchetes indica que alguns trechos do exemplo original foram suprimidos por não serem relevantes para a análise aqui apresentada.

⁵ Em todos os exemplos apresentados, a referência ao corpus é feita da seguinte forma: “AC” indica o tipo de amostra de fala (no caso, Amostra Censo); o número seguinte sinaliza o número do inquérito no Banco de Dados; as siglas “NE” e “DE” indicam, respectivamente, os gêneros narrativa de experiência e descrição; e os últimos números apontam as linhas de início e fim do exemplo na transcrição das amostras no Banco de Dados.

Na narrativa da qual extraímos o exemplo em (1), a informante conta sobre uma experiência amorosa que teve na adolescência. No trecho ilustrado, são abordados os tópicos “Fim do relacionamento” e “Troca de e-mails acusadores”, conforme podemos notar nos SegTs A e B, respectivamente. Observamos que o início do SegT mínimo B se dá somente após o completo encerramento do SegT A⁶. Assim, nesse exemplo, a passagem do SegT A ao SegT B ocorre por meio da estratégia de continuidade tópica, haja vista que a informante só inicia um novo tópico após findar o tópico que o precede.

O exemplo em (2) ilustra um caso de ruptura tópica:

(2) [SegT mínimo A]
Doc.: mas... lá tá dividido em:: como? tem a parte do escritório e tem como que é? Inf.: ah lá tem a parte do escriTÓrio... que trabalha::... quatro fun/ é cinco funcionária né?... cinco seis... éh:: quatro mulher... o o um hom/ um:: um homem... éh::... tem::... tem a secretária tem a::... a o(u)tra que mexe com::... c’as nota fiscal lá o::...

[SegT mínimo B]
tem na o(u)tra parte tem dois que trabalha na serra...

[SegT mínimo C]
é:: a o(u)tra parte... é o riscadô(r) tem três riscadô(r) cada riscadô(r) trabalha duas pessoa... esse riscadô(r) a a pessoa tem que buscá::(r)... o papelão lá na na::... lá no depósito sabê(r) a medida dele pa trazê(r) no riscadô(r)... o riscadô(r) éh:: PAssa esse::... esse papelão no na máquina... que vai pa impressora

[SegT mínimo D]
a impressora... aonde que trabalha mais duas pessoa... e lá eles pega e::... e e e coloca o emblema da das firma que::... que vai sê::(r)... colocada nas ca(i)xa né?... tipo assim é mó/ MÓveis é::... igual aqui em Mi/ Mirassol Móveis (Febel) eles coloca Móveis (Febel) a o(u)tra é Móveis (Gelus) então eles tão/ eles têm o::... os (a)preparo lá que é a::... que eles colocam na/ na/ nos papelão lá... (Banco de Dados IBORUNA: AC-129; DE: L: 156-169).

Na sequência de SegTs ilustrada em (2), o informante descreve a fábrica onde trabalha, percorrendo a respeito de cada departamento da indústria e as atividades desenvolvidas nesses departamentos. Primeiramente, no SegT A, o informante descreve o escritório, em seguida, inicia o SegT B, que seria dedicado à descrição do departamento da serralha. Todavia, o SegT B é claramente interrompido antes de ser propriamente desenvolvido, dando lugar à introdução e desenvolvimento de um novo tópico, o SegT C, dedicado à descrição do lugar em que se risca o papelão na fábrica. Após o esgotamento de C, o informante desenvolve o SegT D, descrevendo o departamento onde fica a impressora. Nesse exemplo, ocorre o processo de ruptura tópica na

⁶ Ao longo desta seção, ao referir-nos a “SegT”, estaremos reportando-nos ao termo “SegT mínimo”.

passagem do SegT B para o SegT C, pois o SegT B é interrompido antes de ser propriamente desenvolvido.⁷

O exemplo em (3) ilustra um caso de descontinuidade tópica por inserção em uma narrativa:

- (3) [SegT mínimo A]
aí teve um um rapaz lá que era muito colega MEU... aí ele falan(d)o assim pra mim –“ô:: caipira”– que eles chamava eu de caipira... – “ô caipira eu num posso í(r) junto com voCÊ?... lá na tua CASA?”– aí eu falei assim –“óh...”

[SegT mínimo B]
– porque e/ esse raPAZ... tudo/ tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele me levava pa conhecê(r)... ele me levô(u) no Morumbi:: pa assistí(r) o o:: conhecê(r) o Morumbi::... ele levô(u) no no Parque éh:: no Parque Antár::tica pa conhecê(r) o Parque Antártica... ele levô(u) no Canindé pa conhecê(r) o Canindé... ele levô(u) no mu/ no museu ele me levô(u) em tudo quanto é lugar LÁ... [...] de domingo ele me leva eu em tudo quanto é lugar lá pra mim conhecê(r) São Paulo... [...]

[SegT mínimo A]
e esse rapaz... voltan(d)o atrás ele quis... éh:: sobre é os dia que nós ia::... que que nós i/ que eu vinha pa passeá(r) e vê(r) meu pai e minha MÃE... ele tam(b)ém pediu pa vim... aí aí aí eu eu falei pra ele –“óh se quisé(r) í(r) cê vai né?... só que lá na minha casa é:: lá é casa de pobre... num é igual a sua casa aqui” [...] “não... eu/ eu quero í(r) lá pa conhecê(r)... porque eu num conheço::... o interior eu só nas/ eu sô(u) nascido aqui em São Paulo... eu num conheço o:: o interior”[...] (Banco de Dados IBORUNA: AC-129; NE: L: 44-63).

Na narrativa em que se encontra o exemplo em (3), o informante fala sobre sua mudança para a cidade de São Paulo. No trecho aqui ilustrado, o informante inicia a SegT A narrando a vontade de um dos seus amigos paulistanos de conhecer a cidade natal do informante, mas interrompe esse tópico para desenvolver por completo o SegT B, narrando os passeios guiados por esse amigo em São Paulo. Ao finalizar esse tópico, o SegT A é retomado e finalizado. Desse modo, a introdução e o desenvolvimento do SegT B, que provoca a interrupção do SegT A, representa um caso de descontinuidade por inserção tópica. Notamos, inclusive, que a retomada do SegT interrompido é marcada linguisticamente por *voltan(d)o atrás*, evidenciando, portando, que o falante volta a falar a respeito de algo que foi interrompido pela inserção do SegT B.

O exemplo em (4), extraído de uma descrição analisada em nosso estudo, ilustra um caso de descontinuidade por alternância tópica:

- (4) [SegT A]
aí entra assim... a sala é gosto::sa é bem grande a sala da minha vó o apartamento da minha vó até que é gostoso é bem... esp/ é espaçoso... ele::... aí tem a sa::la na sala tem um/ uma:: mesa grande

⁷ No exemplo em (2), o trecho selecionado como SegT B pode ser classificado como um tópico porque comporta o mesmo grau de relevância tópica que os demais SegTs do exemplo em questão. Em outras palavras, assim como os demais SegTs ilustrados em (2), o SegT B aborda um departamento da fábrica.

de made(i)ra [onde a gente] [Doc.: ah tá] janta... tem uns dois sofá:: uma mesinha de centro né? e tem um::... ah é tipo uma estantezinha assim com telefo::ne com li::vro... essas coisas Doc.: é é um espaço assim... a copa e a sala... um espaço só? Inf.: não... é separado... [Doc.: ah tá] mas tem a mesa de jantar na sala... porque como é muito gran::de [Doc.: uhum ((concordando))] então a minha vó colocô(u) a mesa de jantar na sala Doc.: aí todo mundo já se reúne ali:: Inf.: é:: já vê televisão já co::me tudo junto...

[SegT B]

aí:: éh:: aí tem a cozinha... ah a cozinha da minha vó é muito gostosa tam(b)ém... só que a cozinha é junto c'a área de serviço... então tem a cozi::nha tem uma gelade(i)ra a cozinha da minha vó não é tão espaçosa... tem uma gelade(i)ra... uma outra me::sa a pia o fogão... e do ladinho assim tem a máquina de lavá(r) e um BANHE(I)RINHO ainda no apartamento tem dois banhe(i)ro... tem um banhe(i)rinho nessa área de::/ ai área de lavá(r) [Doc.: serviço] área de serviço... onde lava ro(u)pa pendu::ra tal...

[SegT A]

ah e na sala tam(b)ém tem uma saCAda... hum:: legal [Doc.: sacada] uma sacadinha assim... que dá pa trás do prédio... [Doc.: uhum ((concordando))] que dá pa trás assim porque atrás do prédio é o estacionamen::to... então tem flores lá tam(b)ém então essa sacada dá pa trás...

[SegT B]

e na cozinha tam(b)ém tem uma janela uma janela... uma janela pequena assim que dá pra rua... a:: a cozinha dá pra rua... é (Banco de Dados IBORUNA: AC-022; DE: L. 301-322).

Na descrição da qual extraímos o exemplo em (4), a informante descreve o apartamento da sua avó. Conforme ilustrado, há uma interpolação entre dois tópicos, uma vez que a informante ora se dedica à descrição da sala (SegT A), ora à descrição da cozinha, (SegT B), provocando uma espécie de revezamento entre esses dois tópicos e fazendo com que tanto o SegT A quanto o SegT B se tornem descontínuos na linearidade discursiva, o que torna esse caso um exemplo de descontinuidade por alternância tópica.

Em nossos dados, encontramos ainda a estratégia de descontinuidade por expansão tópica, conforme ilustramos com o exemplo em (5), extraído de uma narrativa de experiência:

(5) [SegT A]

... éh:: foi interessante... porque:: lá eu aprendi muito com a política... foram seis meses... que eu passei::... atrás de votos... visitan::do pessoas... éh:: no sítio... éh na cidade de casa em casa encontrando os amigos falando sobre política... éh:: tivemos:: comícios... éh:: enfim... foi uma:: foi gratificante... embora eu tenha perdido a eleição foi muito gratificante... éh:: tê(r) participado daquilo:: [...] então pra mim foi muito bom eu aprendi muito com isso... embo::ra não seja político não esteja... ligado assim com a uma política mas... tive essa aventura... que::... achei muito bom...

[SegT B]

então durante eram (inint.) a gente tava sempre acompanhado [...]

[SegT C]

tivemos... como candidato a vice... um ex-farmacêutico de Ipiruá... [...]

[SegT D]

Doc.: o senhor ficô(u) decepcionado? Inf.: não eu de forma alguma porque [...]

[SegT E]

Doc.: e o que que o senhor aprendeu? Inf.: aprendi a conhecê(r) as pessoas porque muitas pessoas... éh:: às vezes pessoas que você espera... éh:: que são teus amigos... que:: quando pessoas você você... foi... logo fazendo favor às vezes... éh nessa hora a pessoa... ou por dinhe(i)ro ou por alguma o(u)tra coisa:... talvez eles num venha... trazê(r) aquilo que... que eles deveria trazê(r) pra você... então éh:: aí que eu vo/ que a gente passa a conhecê(r) e passa a conhecê(r) o(u)tras pessoas... [...] foi a/ o que eu tirei de lição... da política naquele ano de mil novecentos e noventa e seis (Banco de Dados IBORUNA: AC-113; NE: L. 7-50).

No exemplo em (5), logo no SegT A, o informante centra-se na sua experiência de candidatar-se a prefeito. Observamos que, no decorrer desse SegT, o informante menciona, de passagem, que sua candidatura lhe proporcionou um grande aprendizado. Encerrado o SegT A, o informante desenvolve outros três tópicos, os SegTs B, C e D. Feito isso, então, no SegT E, as referências ao aprendizado da candidatura, lançadas anteriormente no SegT A, são expandidas, configurando-se como um novo tópico. Desse modo, o caso em (5) constitui-se como um exemplar de descontinuidade por expansão tópica, uma vez que dados mencionados de passagem no SegT A adquirem estatuto tópico no SegT E.

Como destacamos na Tabela 1, nosso *corpus* indica que há predominância da estratégia de continuidade tópica nos dois gêneros analisados. Em narrativas, apuramos que em 93,44% dos casos ocorre continuidade tópica, contra 6,56% de casos de descontinuidade. Já em descrições, a continuidade aparece em 79,50% dos casos, contra 20,50% de descontinuidade.

A nosso ver, a principal conclusão que se pode extrair desses dados – alta frequência da estratégia de continuidade e baixa frequência de estratégias de descontinuidade – é que os gêneros analisados constituem gêneros caracterizados pela continuidade no encadeamento tópico do texto, isto é, narrativas de experiência e descrições seriam gêneros com pouca frequência de estratégias de descontinuidade tópica, com poucas interrupções da linearidade do desenvolvimento das ideias. Em outros termos, seria possível dizer que ambos os gêneros seriam caracterizados por uma “trama simples”, com poucas inserções, rupturas, digressões. Entendemos que essa observação da ampla preferência dos gêneros aqui em foco pela continuidade tópica possa ser tomada como uma constatação significativa para descrição desses gêneros.

Em seu trabalho fundador sobre as estratégias de linearização, Jubran (2015) não chega a apresentar quantificações das frequências de ocorrência das diferentes estratégias encontradas. Pela disposição das explicações que a autora oferece (colocando a continuidade como primeira das estratégias) e, até mesmo, por aquilo em que consiste cada estratégia, a continuidade parece ser a estratégia mais simples, mais propensa de ocorrer nos gêneros estudados pela autora. De

todo modo, a própria autora não chega a falar em tendências de ocorrência mais ou menos frequente de cada estratégia.

Desse modo, os dados quantitativos que apuramos, referentes aos percentuais de ocorrência de cada um dos tipos de linearização tópica, não chegam a nos permitir estabelecer uma correlação mais forte entre a continuidade tópica e os gêneros aqui estudados. Os percentuais de frequência aqui identificados para cada um dos tipos de linearização podem ser particularidades dos gêneros aqui estudados ou podem ser percentuais mais ou menos típicos de quaisquer gêneros.

Como nosso trabalho não responde a essa questão – nem nossos objetivos almejavam tal resposta – por ora, nossa contribuição a respeito da estratégia de linearização tópica predominante em cada um dos gêneros aqui investigados seria a constatação de que, em narrativas de experiência e descrições, predomina amplamente a estratégia de continuidade tópica, conforme mostram os percentuais ilustrados na Tabela 1.

No que diz respeito, especificamente, à comparação entre os dois gêneros aqui em pauta – segundo ponto a ser discutido neste artigo –, a Tabela 1 também permite verificar algumas observações comparativas entre os gêneros. A princípio, os dados expostos na tabela parecem indicar a ausência de diferenças mais acentuadas entre narrativas e descrições relativamente às questões aqui investigadas.

Como se pode ver na Tabela 1, em ambos os gêneros, verifica-se a ocorrência de uma boa diversidade de formas de linearização tópica, sendo similares as diversidades nos dois gêneros, já que, em narrativas, ocorrem continuidade tópica e descontinuidade por ruptura tópica, por inserção e por expansão, e, em descrições, ocorrem todas essas mesmas formas, além da descontinuidade por alternância. Também em ambos os gêneros, verifica-se o amplo predomínio da continuidade tópica.

Desse modo, em termos gerais, parece não haver maiores especificidades dos gêneros em pauta no que se refere ao uso de estratégias de linearização tópica. Para proceder à análise dos dados discutidos neste trabalho, em nosso projeto de pesquisa inicial, levantamos a hipótese de que poderiam ocorrer diferenças significativas entre os dois gêneros, no que tange ao processo de linearização tópica, e consideramos que tais diferenças poderiam estar entre os fatores de distinção entre um gênero textual e outro. Como se vê, então, essa hipótese, a princípio, parece não se confirmar em nosso trabalho.

Por outro lado, uma análise um pouco mais detalhada dos dados da Tabela 1 permite identificar uma possível diferença entre os gêneros. Parece que, em descrições, haveria uma tendência um pouco maior para a ocorrência de estratégias de descontinuidade. Observe-se que a

frequência de estratégias de descontinuidade é maior em descrições do que em narrativas, isto é, 20,5% e 6,56%, respectivamente.

Essa maior incidência chama a atenção especialmente no caso da descontinuidade por inserção tópica, que apresenta frequência de 8,97% em descrições, *versus* 3,28% em narrativas. Note-se que essa frequência de inserções em descrições é consideravelmente relevante, uma vez que a frequência dos casos de inserção tópica em descrições é maior do que a soma da frequência de todos os casos de descontinuidade em narrativas (ao todo, 4 casos, somando 6,56% de frequência de estratégias de descontinuidade).

Além dessa maior incidência quantitativa de descontinuidade em descrições, há nesse gênero um tipo a mais de descontinuidade, não verificado em narrativas. Como mencionamos logo acima, em descrições, além de todos os tipos de descontinuidade verificados em narrativas, observa-se também a descontinuidade por alternância tópica.

Esses dados parecem indicar que, embora a continuidade não deixe de ser o traço principal tanto de narrativas quanto de descrições, como já discutimos, este último gênero seria um pouco mais propenso para o uso de estratégias de descontinuidade tópica do que o primeiro. Nossa hipótese, a esse respeito, é que essa tendência estaria, de fato, ligada à natureza de cada um dos gêneros textuais.

As narrativas de experiência, por não apresentarem uma trama mais intrincada, caracterizam-se por apresentar fatos em sequência temporal. A narração de fatos em sequência cronológica seria, então, um fio condutor das narrativas. Em geral, o que parece ocorrer é que cada tópico discursivo consiste em uma fase da história narrada. Assim, a narração cronológica dos fatos seria um mecanismo de construção do texto que impediria uma maior disseminação de estratégias de descontinuidade tópica.

No caso das descrições, já não há essa ordenação cronológica, e parece também não haver um critério mais rígido restritor do encadeamento tópico. A relação semântico-discursiva entre os tópicos discursivos parece principalmente de equipolência, de adição, e, assim, os textos desse gênero estariam mais abertos para a ocorrência de inserções, alternâncias e expansões tópicas. Ou seja, o uso de estratégias de descontinuidade não resultaria numa maior complexidade de organização tópica, como poderia talvez ser o caso em narrativas.

As descrições de nosso *corpus* consistem especialmente em descrições de lugares (recorrência determinada pela condução da entrevista pelo Documentador), mais exatamente de imóveis, como a casa do informante (na maioria das vezes), o local onde trabalha ou uma Igreja da cidade. Em geral, cada tópico discursivo consiste em uma parte do local descrito. Por exemplo, no caso de descrições da casa do informante, os tópicos são os diferentes cômodos da

casa (a sala, a cozinha, os quartos etc.). Na descrição da indústria onde trabalha o informante, por exemplo, como ocorre em (2), os tópicos correspondem a diferentes departamentos da empresa destacados pelo informante (o escritório, a serraria, o local em que o papelão é riscado, o departamento de impressão, etc.).

Na descrição das partes da casa (lugar mais comumente descrito nos dados analisados), pode haver alguma sequência lógica, espacial, que norteia a descrição, que pode ir sendo feita seguindo a sequência espacial de cômodos da casa, por exemplo, primeiro o lado de fora, depois a sala (como primeiro cômodo ao se entrar na casa), depois o cômodo mais adjacente à sala e assim por diante. Mas deve ser notado que se trata de um critério de encadeamento menos rígido do que a sequência cronológica de fatos de uma narrativa. Na descrição, por exemplo, da indústria em que o informante trabalha, considerando os tópicos distinguidos na descrição mencionada acima, a relação entre as partes descritas (cada uma, um tópico discursivo) parece ser fundamentalmente de equipolência, de modo que a inversão da ordem dos tópicos não acarretaria maior complexidade sequencial (isto é, não haveria uma restrição semântico-discursiva maior para se descrever primeiro o departamento de impressão e só depois o escritório ou vice-versa).

Desse modo, nossa hipótese é que, dada essa ausência de uma exigência semântico-discursiva maior de algum tipo de encadeamento entre tópicos discursivos, as descrições podem apresentar um uso mais frequente de estratégias de descontinuidade tópica.

Em síntese, por ora, as principais contribuições do nosso trabalho para a comparação entre narrativas de experiência e descrições, em termos de estratégias de encadeamento tópico, são os dados expostos na Tabela 1, a avaliação de que, em termos gerais, parece não haver diferenças mais expressivas e a hipótese de que uma diferença específica poderia ser a maior tendência de descrições para o uso de estratégias de descontinuidade em razão de este gênero se caracterizar por uma maior flexibilidade entre os tópicos em relação à natureza do funcionamento intertópico das narrativas de experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos as estratégias de linearização tópica predominantes nos gêneros narrativa de experiência e descrição e observamos em que medida o processo de Organização Tópica possibilita caracterizar esses dois gêneros e os distinguir entre si. Os dados analisados indicam que ambos os gêneros se caracterizam por apresentarem a continuidade como a estratégia predominante de linearização tópica. Além disso, no que diz respeito à comparação

entre os gêneros ora estudados, em termos gerais, destacamos que não parece haver uma diferença demasiadamente expressiva que possibilite distinguir as narrativas de experiência das descrições. Em contrapartida, sublinhamos que os dois gêneros podem ser diferenciados entre si por meio da tendência maior das descrições ao emprego de estratégias de descontinuidade tópica.

Como nosso trabalho lidou com apenas dois gêneros, ressaltamos que possíveis investigações futuras poderiam avaliar se a forte tendência ao emprego de continuidade tópica seria uma das características particularizadoras de narrativas de experiência e descrições, ou se essa seria uma tendência típica dos gêneros textuais de modo geral. A esse respeito, nosso trabalho poderia encontrar grande relevância, podendo integrar um conjunto mais amplo de trabalhos dedicado a investigar os tipos de linearização em vários gêneros diferentes a fim de que se observe, então, se cada gênero (ou grupos de gêneros) apresentaria um padrão de frequência de estratégias de sequenciamento tópico, ou se os tipos de linearização se distribuiriam mais ou menos com a mesma frequência por diferentes gêneros textuais.

Considerando que a perspectiva teórica aqui adotada se pauta na preocupação com o funcionamento da língua em seus contextos de uso, esperamos que este trabalho represente uma contribuição para os estudos em GTI, na medida em que procura mostrar que os processos de construção do texto estão vinculados aos gêneros textuais em que se inscrevem. Além disso, a identificação de regularidades textuais a partir do estudo do processo de Organização Tópica pode contribuir para a construção e consolidação de uma gramática do texto, a exemplo da Gramática Textual-Interativa, e, conseqüentemente, para a evolução da Linguística Textual, pois colabora para o reconhecimento de que a atividade discursiva e a organização do texto são altamente sistemáticas.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- CASTILHO, A. T. O português culto falado no Brasil – história do Projeto Nurc no Brasil. In: PRETI, D.; URBANO, H. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v.IV, Estudos. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1990, p.141-197.
- GONÇALVES, S. C. L. *Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. São José do Rio Preto: UNESP, 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>.
- JUBRAN, C. C. A. S. J. Tópico Discursivo. In: _____ (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 85-126.
- _____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007, p. 313-327.

PENHAVEL, E. *Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em diferentes gêneros textuais*. Projeto de Pesquisa. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2013.

PENHAVEL, E.; GARCIA, A. G. Tipos de linearização tópica na Gramática Textual-Interativa. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v.14, n.1, p. 1792-1807, 2017.

ALINE GOMES GARCIA

Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), campus de São José do Rio Preto. Nessa mesma instituição, atualmente é aluna de mestrado em Estudos Linguísticos, desenvolvendo pesquisa na área de Linguística Textual, especificamente na sua vertente conhecida como Gramática Textual-Interativa, tendo como principal tema de estudo o processo de Organização Tópica. Endereço eletrônico: aline.garcia@hotmail.com.

Enviado em 15/03/2017.

Aceito em 20/05/2017.